

Pitanguy exalta a ausência de preconceitos

LIANE GONÇALVES

Já aos 6 anos, Ivo Hécio Jardim de Campos Pitanguy admirava o contorno perfeito das pernas de sua professora do Grupo Escolar Pedro Segundo, em Belo Horizonte. Além da boa forma de dona Zuleica, o mestre do bisturi tem saudades do ambiente do colégio público onde cursou o antigo primário. Segundo o cirurgião plástico, de 64 anos, a rede pública dava a oportunidade de encontrar pessoas de todas as classes sociais, sem preconceitos:

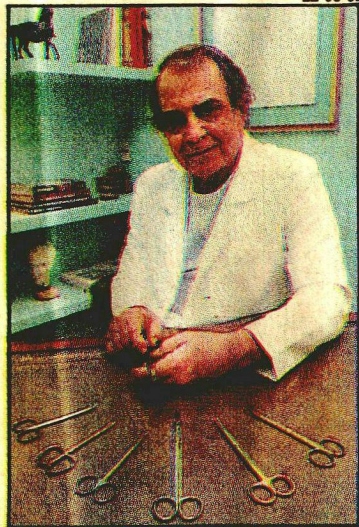
— Nós éramos todos iguais. Todos recebiam o que havia de melhor no ensino.

Há dois anos, Pitanguy esteve em Belo Horizonte, onde nasceu, para receber o título de Cidadão Honorário da cidade. Lá, ganhou outro presente: uma carta de dona Zuleica:

— A escola era um prolongamento de minha casa. Dona Zuleica era o melhor exemplo de professora. Ganhava salário digno ensinava com prazer.

Na opinião do cirurgião, a decadência do ensino reflete o espírito do Governo. Professor há 25 anos, ele não permitiu que seus quatro filhos estudassem em escolas públicas, pois, na época, elas “já não tinham condições de dar uma boa formação básica”.

22-03-92



Pitanguy: 'Nós éramos todos iguais'